ISSN: 2358-8829

Pedagogia social, cuidado e saúde mental: práticas socioeducativas com mães de crianças atípicas em contexto de vulnerabilidade social

Vinicius Cesar de Melo Lima [1]
Maria Lívia Santos Cavalcanti de Oliveira [2]
Prof.ª Dr.ª Manuela Dias de Melo [3]

INTRODUÇÃO

A presente pesquisa nasceu da necessidade de compreender como se desenvolvem práticas educativas voltadas ao cuidado em saúde mental em contextos atravessados pela vulnerabilidade social. Tomando como campo de estudo empírico a ONG Ponto e Vírgula, localizada no município de Caruaru (PE), e seu projeto "Sinônimo de Cuidar", o estudo problematiza a realidade invisibilizada vivenciada por mães de crianças atípicas e cuidadores. Em um cenário marcado pela insuficiência das políticas públicas do Estado, essas mulheres enfrentam processos contínuos e solitários de sobrecarga emocional, física e social, onde a exaustão raramente é reconhecida como uma questão coletiva, sendo naturalizada e relegada ao isolamento do âmbito privado.

No município de Caruaru, assim como em diversos territórios periféricos do país, a questão da saúde mental materno-infantil tem provocado inúmeros desafios. O adoecimento mental de quem cuida tende a ser silencioso, agravado pela centralização da responsabilidade do cuidado quase que exclusivamente no núcleo familiar feminino. Neste contexto de desamparo, a ONG Ponto e Vírgula atua desenvolvendo ações

[1] Graduando do Curso de Licenciatura em Pedagogia da Universidade Federal de Pernambuco - Centro Acadêmico do Agreste, UFPE - CAA, vinicius.melol@ufpe.br;
[2] Graduanda pelo Curso de Licenciatura em Pedagogia da Universidade Federal de Pernambuco - Centro Acadêmico do Agreste, UFPE - CAA, maria.livia@ufpe.com;
[3] Doutora em Educação, Professora substituta no Núcleo de Formação Docente, Universidade Federal de Pernambuco - Centro Acadêmico do Agreste (UFPE/CAA), manuela.melo@ufpe.br

sociocomunitárias que buscam oferecer acolhimento, apoio e cuidado integral. O projeto "Sinônimo de Cuidar" configura-se, assim, como um espaço não formal de educação, no qual o cuidado em saúde mental passa a ser compreendido como um processo coletivo, construído a partir do diálogo, do compartilhamento de vivências e da tecitura de novos vínculos comunitários.

Nesse sentido, a educação ultrapassa a dimensão meramente instrutiva e assume um caráter emancipatório. O objetivo geral desta pesquisa é analisar de que forma as práticas educativas desenvolvidas pela ONG expressam princípios da Pedagogia Social na promoção da saúde mental e no fortalecimento da autonomia de sujeitos em contextos de vulnerabilidade. Para detalhar essa análise, traçaram-se os seguintes objetivos específicos: explorar como as práticas da ONG integram dimensões pedagógicas e psicossociais; interpretar de que forma favorecem a autonomia das mães atípicas, deslocando-as da passividade para o protagonismo; e apreender como essas estratégias de convivência contribuem, na prática, para a prevenção do adoecimento psíquico.

A relevância deste estudo reside em dar voz e legitimidade acadêmica a metodologias de cuidado marginalizadas, que integram o saber popular e o saber técnico como ferramentas de enfrentamento das desigualdades. Para atingir tais objetivos, o trabalho está estruturado na fundamentação teórica sobre práticas educativas e saúde mental, seguida pelo percurso metodológico qualitativo e visceral no campo, culminando na análise dos dados empíricos categorizados à luz da Pedagogia Sociocomunitária.

ISSN: 2358-8829

.

METODOLOGIA (OU MATERIAIS E MÉTODOS)

Buscando apreender a complexidade da realidade vivenciada no campo, optou-se por uma pesquisa de abordagem qualitativa, do tipo exploratória e explicativa. Conforme destaca Minayo (2007, p. 21), a pesquisa qualitativa "trabalha com o universo dos significados, dos motivos, das aspirações, das crenças, dos valores e das atitudes".

O método adotado foi o Método do Caso Alargado, fundamentado por Boaventura de Sousa Santos (1983). Nessa perspectiva, o caso local (a ONG em Caruaru) não é um recorte isolado, mas uma lente ampliada que permite denunciar e interpretar as falhas estruturais macrossociais — como a omissão do Estado e a precarização das redes de apoio. A riqueza metodológica reside, portanto, "na amplitude das incidências estruturais que nele se denunciam pela multiplicidade e profundidade das interações" (Santos, 1983, p. 12).

A construção do material empírico foi imersiva, correspondendo a 30 horas presenciais de observação participante por dois pesquisadores, no segundo semestre de 2025. O campo revelou-se dinâmico e, por vezes, imprevisível: logo no primeiro dia, o espaço físico da sede (no bairro Vassoural) encontrava-se em reforma, exigindo adaptações imediatas e a cessão temporária de espaços parceiros, como o prédio da Faculdade Ágape. Tais adaptações evidenciaram a resiliência orgânica e a necessidade do movimento social.

O registro de dados operou-se mediante diários de campo elaborados a cada turno de visita (manhã e tarde) e entrevistas semiestruturadas com diferentes atores: coordenadores (Betto Moura), corpo técnico (o pedagogo e neuropsicólogo Roberto Melo), além de mães e coordenadoras de acolhimento (Elizabeth e Danusia). A inserção dos pesquisadores exigiu profunda auto-reflexividade, pois a tensão emocional ao escutar relatos de exaustão extrema demandou o equilíbrio contínuo entre a empatia humana e a neutralidade científica. Os dados discursivos e textuais — incluindo o livro institucional "Continuar é Preciso" — foram tratados através da Análise de Conteúdo de

Bardin (1977), estruturando-se em quatro categorias explicativas que traduzem a práxis no território.

REFERENCIAL TEÓRICO

A construção teórica da pesquisa ancora-se em quatro pilares. Primeiramente, as Práticas Educativas Sociais, compreendidas aqui não como assistência caritativa, mas como resistência política. Segundo Streck (2013, p. 108), os movimentos sociais "constituem-se nas margens e, por ocuparem este lugar, eles representam forças questionadoras", atuando onde o Estado fracassa. A Pedagogia Social emerge, assim, como uma resposta histórica necessária (Rodrigues; Silva, 2023).

O segundo eixo discute a Saúde Mental em territórios de vulnerabilidade. Gama, Campos e Ferrer (2014, p. 76) esclarecem que o sofrimento nesses locais não brota do nada, mas é uma expressão do ambiente que pressiona a subjetividade, alertando para o risco de o sistema associar deterministicamente "pobreza e loucura". Diante disso, a Atenção Psicossocial convoca a uma mudança de lente: o foco não é a patologia, mas a "produção de sociabilidades e subjetividades" (Yasui; Luzio; Amarante, 2018, p. 175).

A categoria da Maternidade Atípica no Contexto do Transtorno do Espectro Autista (TEA) evidencia a intersecção dolorosa entre o luto e a sobrecarga. Orrú (2012) destaca a complexidade singular do indivíduo autista e as alterações comunicacionais. Em face a isso, Matias e Eugenio (2025) relatam que o diagnóstico frequentemente "cai de paraquedas", esmagando as projeções idealizadas. Diante do acúmulo de tarefas, a mãe sofre uma "abnegação compulsória", renunciando-se para manter o filho vivo (Ribeiro; Massalai, 2024). Essa anulação diária corrói a saúde mental da cuidadora.

Finalmente, a Educação Popular firma-se como a bússola emancipatória do processo. Alicerçada em Brandão (1983) e Freire (1996), que defendem a educação como compromisso com o outro e devolução do poder da palavra ao povo, essa perspectiva metodológica transforma o saber popular em ferramenta de cura e enfrentamento das estruturas opressoras.

ISSN: 2358-8829

RESULTADOS E DISCUSSÃO

A imersão nos dados empíricos resultou na sistematização de quatro categorias analíticas que revelam a materialidade do fazer pedagógico na instituição:

Categoria 1: Práticas Educativas Sociais. O "ensinar" e o "cuidar" fundem-se na Ponto e Vírgula de maneira visceral. A intencionalidade formativa e acolhedora da instituição foi sintetizada por Betto Moura, idealizador do projeto, ao explicar a gênese do nome: na gramática, o ponto e vírgula é usado quando "não se quer colocar um ponto final". Em suas palavras, ele "simboliza pausa, respiro e continuidade. Mesmo diante das dificuldades, é preciso respirar e seguir" (Moura, Entrevista, 2025). As rodas de apoio e os congressos culturais são exatamente esse respiro. Observou-se, nas manhãs de trabalho de campo, que o acolhimento gera nas participantes um sentimento de pertença radical, exemplificado pela afirmação de uma mãe: "Aqui eu tenho uma família, muito mais do que na minha família biológica". O espaço rompe, portanto, com o determinismo da marginalização.

Categoria 2: Maternidade Atípica no Contexto do TEA. A solidão da abnegação teórica denunciada por Ribeiro e Massalai (2024) tem rostos e vozes no campo. A falta de rede de apoio empurra essas mulheres para abismos existenciais. Danusia, mãe atípica e atual colaboradora do projeto, revelou a gravidade desse isolamento: "Uma mãe relatou que já havia pensado em tirar a vida do filho e a própria, por não estar aguentando passar por tudo sozinha" (Danusia, Questionário, 2025). Como contraponto a essa escuridão, a ONG cria espaços onde a mulher pode voltar a existir para além do rótulo de "cuidadora". A oferta de oficinas de crochê, rodas de conversa sobre empreendedorismo e até sessões de beleza converte a exaustão solitária em uma validação coletiva da subjetividade, devolvendo a elas o direito de ser mulher e cidadã.

Categoria 3: Saúde Mental. A práxis do projeto subverte a lógica clínica asilar. O neuropsicólogo Roberto Melo questiona a falha do sistema formal: "Muito se fala sobre o cuidado com a criança, mas: quem cuida de quem cuida?". O adoecimento cede lugar à potência quando as mulheres se percebem iguais em suas dores. O testemunho de

ISSN: 2358-8829

Elizabeth, mãe de dois filhos atípicos, é a síntese do impacto terapêutico da Pedagogia Social: "Eu nem me arrumava mais como mulher, não me via mais. No encontro, senti um abraço que parecia dizer: 'Você também existe'. Saí chorando. Comecei a me curar ali, porque eu estava com depressão, muita ansiedade e não conseguia nem me olhar no espelho" (Elizabeth, Entrevista, 2025). Esse acolhimento reverbera na resiliência registrada no livro da ONG: "Se hoje estou de pé é graças ao Ponto e Vírgula" (Eryka, 2023, p. 69).

Categoria 4: Educação Popular. A estrutura das atividades confirma os ideais de Freire (1996), eliminando a verticalidade hierárquica. O saber técnico (como o ensino sobre leis BPC/LOAS e sinais de desenvolvimento) mistura-se ao saber empírico e vivencial das rodas. A horizontalidade transforma as participantes: a própria Elizabeth, que chegou ao projeto destruída por uma fobia social profunda, hoje ocupa o papel de coordenadora de acolhimento de novas mães, ensinando e cuidando. Trata-se da educação popular pura e libertadora.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O percurso investigativo alcançou plenamente os objetivos traçados, evidenciando que a ONG Ponto e Vírgula não atua como mero braço assistencialista, mas como um potente e insubstituível dispositivo ético de reinvenção da vida no agreste pernambucano. Comprova-se que a integração indissociável entre a dimensão pedagógica e a psicossocial é, em essência, um ato de resistência política: as ações do projeto "Sinônimo de Cuidar" educam enquanto cuidam, e curam enquanto formam cidadãos.

A pesquisa conclui que o fortalecimento da autonomia das mães atípicas só é possível quando se quebra a invisibilidade do seu trabalho exaustivo. Ao ofertar escuta sem julgamentos e promover espaços de sociabilidade e construção coletiva de saberes, a instituição salva vidas que o Estado negligencia e abandona. Rompe-se o ciclo da

renúncia de si e inaugura-se o protagonismo, transformando a dor e a solidão da maternidade atípica em força motriz de resistência comunitária.

Finalmente, o estudo demonstra a imperiosa necessidade de reconhecimento da Pedagogia Sociocomunitária como uma ciência ativa nos espaços de saúde. O pedagogo, em equipes multidisciplinares e em movimentos sociais de base, consolida-se como agente indispensável para a manutenção dos direitos humanos, provando que a saúde mental se constrói no território onde a vida acontece, no encontro genuíno com o outro e no compromisso irrevogável com a dignidade de cada ser humano.

Palavras-chave: Pedagogia Sociocomunitária; Saúde Mental; Maternidade Atípica; Educação Popular; ONG Ponto e Vírgula.

AGRADECIMENTOS

Agradecemos ao coordenador da ONG e do projeto Sinônimo de Cuidar, pela disponibilidade e acolhida durante a realização desta pesquisa. Às mães participantes, nossa gratidão pela colaboração, confiança e por permitirem a realização deste estudo a partir de suas experiências e vivências. À professora orientadora, agradecemos pela orientação, pelas contribuições e pelo acompanhamento na organização e construção deste artigo.

REFERÊNCIA

BARDIN, L. *Análise de conteúdo*. Lisboa: Edições 70, 1977.

BRANDÃO, C. R. *O que é educação popular*. São Paulo: Brasiliense, 1983.

FREIRE, P. *Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa*. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

GAMA, C. A. P.; CAMPOS, R. T. O.; FERRER, A. L. Saúde Mental e Vulnerabilidade Social: a direção do tratamento. *Revista Latinoamericana de Psicopatologia Fundamental*, v. 17, n. 1, p. 69-84, 2014.

MATIAS, M. M.; EUGENIO, A. A. P. Maternidade atípica e o cuidado de crianças com deficiência. *Revista Owl*, v. 2, n. 1, p. 1-6, 2025.

MINAYO, M. C. S. (Org.). *Pesquisa Social: teoria, método e criatividade*. Petrópolis: Vozes, 2007.

MOURA, B.; TORRES, K. (Org.). *Continuar é Preciso*. Caruaru: Edição dos Autores, 2023.

ORRÚ, S. E. *Autismo, linguagem e educação: interação social no cotidiano escolar*. Rio de Janeiro: Wak, 2012.

RIBEIRO, A.; MASSALAI, B. Os impactos do autismo na saúde mental das famílias. *Revista Científica RBMed*, v. 1, n. 1, p. 43, 2024.

RODRIGUES, L.; SILVA, M. *Pedagogia Social e Vulnerabilidade*. São Paulo: Editora Cortez, 2023.

SANTOS, B. S. O método de caso alargado. *Revista Crítica de Ciências Sociais*, Coimbra, n. 11, p. 9-12, 1983.

STRECK, D. R. Movimentos sociais e educação popular. *Revista Brasileira de Educação*, v. 18, n. 52, p. 108-109, 2013.

YASUI, S.; LUZIO, C. A.; AMARANTE, P. Atenção psicossocial e saúde mental. *In*: COSTA-ROSA, A. (Org.). *Rumo a um novo paradigma na saúde pública*. Rio de Janeiro: Fiocruz, 2018. p. 174-181.